Tomo VI 1863



B. LIMA PEDROZO

Exposição agricola de Braga, no campo de Sant'Anna

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE BRAGA

DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS POR EL-REI, E FESTAS PELA VISITA DE SUAS MAGESTADES

Honra-se a cidade de Braga com muitos titulos honorificos, que tem vindo, uns após outros, illustrar os seus annaes, desde o dominio dos romanos até aos nossos dias. Porém, entre os seus melhores brazões, avultam dois que lhe dão um logar distincto a par das cidades mais civilisadas, porque significam duas victorias do trabalho alcançadas no campo do progresso humanitario.

Proporcionou-lhe a primeira d'essas victorias o sabio e virtuoso arcebispo primaz, D. Fr. Caetano Brandão, ordenando e fazendo realisar uma exposição dos productos da industria do seu arcebispado dentro dos muros de Braga. E foi esta a segunda exposição industrial que houve no reino, e cremos que na Europa, pois que, como dissemos em outro logar, coube ao marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, a gloriosa iniciativa n'este passo verdadeiramente civilisador. [1]

A outra victoria deve-a a cidade de Braga ao zelo e actividade do seu actual governador civil, o sr. Januario Corrêa de Almeida, que, superando não poucas difficuldades á força de perseverança, promoveu e levou a effeito a *exposição agricola de Braga no anno de* 1863.

Esta grande festa nacional não teve por theatro um edificio esplendido, como esses que a Grã-Bretanha e a França tem erigido em honra das lides da intelligencia e dos esforços do trabalho universaes, e para commemorar a reunião dos seus productos em glorioso certamen. A exposição bracharense celebrou-se no campo de Sant'Anna, parte ao ar livre, parte em modestas barracas. Mas ainda assim não era o logar menos digno d'esta solemnidade, porque mui bem quadrava ver dispostas entre as arvores e mais plantas de um jardim, e sob a magestosa abobada do ceo, obras que representavam ao mesmo tempo as forças da natureza e do homem, combinando-se para o aperfeiçoamento dos seres creados, e para o augmento ou melhoramento dos gozos e commodidades da sociedade.

Abriu-se a exposição aos 25 de outubro, ao meio dia, do anno de 1863. A ceremonia da inauguração foi feita com esplendor e apparato em um esbelto pavilhão para esse fim levantado. Ahi se reuniram, sob a presidencia do exc. sr. D. José Joaquim de Azevedo e Moura, arcebispo primaz, os governadores civis dos districtos de Braga, do Porto, de Vianna e de Beja; o general commandante da 4.ª divisão militar, estado maior da divisão e officialidade do regimento de infanteria n. 8; a camara municipal de Braga; o deão e cabido da sé primacial; o secretario e mais empregados do governo civil; o delegado do thesouro e mais individuos da repartição de fazenda; o juiz de direito e mais empregados de justiça; o administrador do concelho com os seus empregados; o director das obras publicas do districto com os engenheiros e mais pessoas da sua repartição; o reitor e professores do lyceu, e outros funccionarios, varios titulares e deputados, alguns redactores de jornaes, e muitas outras pessoas distinctas da cidade e seus arredores.

Começou a ceremonia o governador civil de Braga, lendo um discurso appropriado ao assumpto. Depois foi toda a assembléa visitar a exposição, percorrendo vagarosamente todas as barracas e logares do jardim onde estavam expostos os productos das industrias agricola e fabril, pois que, apesar de ser a festa propriamente da primeira, a segunda tambem concorreu a tomar parte n'ella. Em seguida foram á parte do campo contigua ao jardim, na qual se fazia a exposição de gados. Regressando ao pavilhão, foi lida, e logo assignada por todos, a acta da abertura da exposição bracharense.

O campo de Sant'Anna apresentava então uma formosa perspectiva, e o mais festivo aspecto que se póde imaginar. As quatorze barracas em que estavam expostos os diversos productos industriaes, achavam-se distribuidas symetricamente por todo o jardim. Cerca de setecentas bandeiras, variadas no feitio e nas côres, e alguns escudos com as armas reaes de Portugal e de Saboya, ornavam o jardim e a parte restante do campo.

Durante toda a ceremonia subiam de continuo aos ares girandolas de foguetes, e duas bandas de musica tocavam, em dois coretos bem armados, hymnos compostos expressamente para esta festividade. A immensa multidão de povo que enchia o jardim e o campo, composta em grande parte dos camponezes das aldeias circunvisinhas, e de muitas distantes da cidade, brilhando pela elegancia e côres alegres dos trajos das mulheres, e pela profusão de oiro em cordões e arrecadas com que ellas se adornam em dias festivos; muitas casas embandeiradas em torno do campo, e todas as janellas guarnecidas de damas, trajando as suas melhores galas; a alegria expansiva que distingue em geral os habitantes do Minho, então vivamente excitada pelo interesse e regozijo que a todos causava esta funcção popular; tudo isto completava aquelle quadro, tão bello de seu proprio brilho e formosura, quanto brilhante e formoso pelas esperanças que de si irradiava, promettedoras de prosperidade e riqueza para Portugal.

Considerada agora a exposição relativamente ao desenvolvimento industrial do paiz, póde-se dizer com afoiteza que excedeu a espectativa publica, tanto na concurrencia dos expositores, como no aperfeiçoamento de muitos productos.

Não foi só do districto de Braga, mas tambem de toda a provincia do Minho, e de muitos outros pontos do reino, que vieram agricultores, criadores e artistas, trazer a este concurso industrial as producções do seu engenho e do seu trabalho.

A industria agricola exhibiu uma numerosa e variadissima collecção de cereaes, legumes, frutas verdes e seccas, vinhos, aguas ardentes, licores, genebras, cognac, azeites, manteiga fresca e salgada, mel, oleos de ricino e de amendoa, arbustos, linhos e outras plantas industriaes e medicinaes, lãs, seda em rama e casulos, madeiras, gommas e resinas, solos e adubos, aguas mineraes e productos mineralogicos. N'esta grande diversidade de productos appareceram notaveis melhoramentos, que dão irrecusavel testimunho de que a agricultura do nosso paiz se acha entrada no caminho do progresso.

Os criadores de gados expozeram excellentes typos de raças nacionaes, e de outras cruzadas com raças estrangeiras; sobresaindo entre as differentes especies o gado vaccum, cavallar e muar. Este ramo importante da industria agricola tambem demonstrava evidentes melhoramentos.

A industria fabril figurou egualmente de um modo muito lisongeiro para os que a exercem, e muito esperançoso para o paiz. Expoz, entre outros, os seguintes productos: veludos, nobrezas, damascos de seda e oiro, setim a matiz, tecidos de seda a oiro e matiz, tecidos de seda de diversas côres e qualidades, seda fiada, fitas de seda, colchas, tecidos e meias de linho, bordados e ornatos de linho, tecidos e colchas de algodão, guarda-chuvas e sombrinhas, chapeos, luvas de pellica, calçado, coiros, pentes de chifre, oiro em folhas, perfumarias, chocolates, doces séccos e de calda, carne salgada, conservas, vernizes, sabão e sa-

[1] Vid. pag. 386 d'este vol.

bonetes, papel sortido, cutelarias, porcelanas, selins, arreios e mais obra de correeiro, fogões, machinas hydraulicas, utensilios de ferro, machinas e instrumentos agrarios, modelos de machinas, obras agricolas-industriaes, moveis, esculpturas em marfim e em madeira, quadros a oleo, á penna, e aguarellas, desenhos a dois lapis, photographias, medalhas para os premios da exposição, memorias, mappas agricolas e geodesicos, e uma collecção de pesos e medidas do systema metrico.

A cidade de Braga, que ha muito se distingue pelos habitos laboriosos e talento artistico dos seus habitantes, tomou uma parte conspicua n'esta festa do trabalho, n'este concurso da intelligencia. Das nove medalhas de oiro, destinadas para premiar os nove expositores que apresentassem maior perfeição nos seus productos, couberam seis á cidade primacial por distincção no exercicio das duas industrias, agricola e fabril; e das noventa e seis medalhas de prata pertenceram-lhe vinte e tres.

O jury conferiu trezentos premios e distincções honrosas, dando o premio de honra ao sr. Januario Corrêa de Almeida, governador civil do districto de Braga, por ser sua a primeira idéa d'esta exposição, e pelos esforços que empregou para a realisar. Esse premio foi um diploma assignado por todos os membros do jury, no qual se expressava, em nome do districto de Braga, um testimunho de gratidão áquelle illustrado e benemerito magistrado, pela realisação d'aquella idéa, e pelos bons serviços que tem prestado a todo o districto no desempenho do seu cargo.

Encerrou-se a exposição no dia 8 de novembro de 1863 com a mesma formalidade e assistencia de auctoridades e pessoas distinctas, com que fôra inaugurada. Não foi este, porém, o seu ultimo acto solemne, pois que outro de maior solemnidade e mais pomposo veiu pôr o remate n'aquella festa triumphal das lides do homem.

Suas magestades el-rei, o sr. D. Luiz I, e a rainha, a sra. D. Maria Pia de Saboya, querendo dar uma prova do seu amor pelo paiz, e do quanto lhe merecem os que pelo trabalho concorrem directamente para a prosperidade e grandeza d'elle, dignaram-se ir ao logar da exposição, e honrar os expositores, entregando el-rei por suas proprias mãos os premios conferidos pelo jury.

Sairam de Lisboa suas magestades oito dias depois do encerramento da exposição. A sua viagem por Leiria e Coimbra até ao Porto, onde se demoraram alguns dias, e d'alli até Braga, foi uma continua ovação dos povos por onde passavam, e dos que vinham de longe para saudar os seus sympathicos soberanos. O Porto festejou a visita real de um modo que bem condizia com a alteza do assumpto, com a riqueza da cidade, e com o animo generoso dos seus moradores. A cidade de Braga, guardadas as proporções devidas, não ficou inferior ao Porto na manifestação do seu regozijo e reconhecimento pela honra que recebia. As festas com que celebrou a entrada dos reaes viajantes, e o enthusiastico alvoroço com que o povo os acolheu e acompanhou durante a sua estada alli, ficarão memoraveis nos annaes da cidade. Nenhum ancião, por mais annos de vida que contasse, se lembraria de ver na bella capital do Minho festas populares tão pomposas, e enthusiasmo tão geral e espontaneo.

Entraram suas magestades em Braga no dia 26 de novembro, e foram pousar no palacio dos Biscaynhos, que lhes estava preparado magnificamente pelo sr. conde de Bretiandos, a quem pertence. No dia seguinte, pouco antes da uma hora da tarde, verificou-se a ceremonia da distribuição dos premios em um elegante e rico pavilhão, construido expressamente para esse fim no local da exposição, proximo das duas portas do lado occidental do jardim.

Tinha este pavilhão a fórma sextavada, dando-lhe ingresso uma larga escadaria.

Seis columnas de ordem composita sustentavam a cupula, que era guarnecida exteriormente de seda azul e branca, e interiormente côr de rosa e branca. Em volta da cupula, sobre a cornija, faziam-lhe cercadura seis frontões, correspondentes a cada uma das quatro faces do pavilhão, tendo cada um no tympano os escudos unidos com as armas reaes de Portugal e de Italia. A cupula, cuja elevação era de onze metros e meio, sobre dez de largura, rematava em uma grande corôa e sceptro real, collocados sobre almofada de veludo carmezim. As duas cadeiras reaes estavam sobre um estrado de tres degraus. As cortinas que desciam da cornija, e se prendiam ás columnas, eram de seda azul claro. As columnas, cornija, e frontões, eram decorados com ornatos doirados relevados, em obra de pasta, sobre campo branco, ou azul, e além d'isto com seis dragões bronzeados, de cujo collo pendia o escudo real das quinas.

A ceremonia da distribuição dos premios foi, como acima dissemos, muito mais apparatosa do que a da inauguração e encerramento da exposição, por quanto, a tudo que então concorreu para esplendor do acto, accresciam agora as pompas do cortejo real, os adornos dispostos para a illuminação do jardim e campo, as colchas de damasco e sedas multicôres, pendendo de todas as janellas em torno do campo, as novas e melhores galas com que se ornavam as damas, um concurso de povo muito mais numeroso, e de mais variado e pittoresco trajar, e, finalmente, sobre tudo aquelles alvoroços de jubilo e de enthusiasmo populares, que dão a qualquer espectaculo ou solemnidade a sua feição mais festival.

Principiou a ceremonia por um discurso de agradecimentos do sr. governador civil, dirigido a el-rei, ao qual sua magestade se dignou responder, significando o seu interesse pelos melhoramentos publicos, encarecendo as vantagens que devem resultar das exposições, e promettendo applicar os seus cuidados e desvelos ao desenvolvimento do paiz.

Acabada a allocução real, o sr. José Joaquim Vieira, secretario geral do governo civil, e vice-presidente do jury, começou a fazer a chamada dos expositores premiados, os quaes se dirigiam a el-rei, que ia entregando a cada um a medalha ou diploma, que o sr. governador civil apresentava em uma salva de prata a sua magestade.

Demoraram-se em Braga os augustos viajantes tres dias, até aos 29 do mez de novembro, em que partiram para o Porto. Durante esse periodo festejaram os bracharenses a visita dos seus soberanos com esplendidas funcções. Não faremos aqui a descripção de todas essas festas, porque nos levariam mais longe do que queremos ir. Fallaremos das mais notaveis, e especialmente das que dizem respeito ás gravuras que publicâmos.

O campo de Sant'Anna ostentava uma vistosa illuminação em que se contavam mais de seis mil balões transparentes e de muita diversidade de côres. Correu toda a despeza e direcção por conta dos estudantes do lyceu e seminario.

A camara municipal levantou um arco junto ao *Campo das Hortas*, por onde suas magestades entraram em Braga, e ahi se verificou a ceremonia da entrega das chaves da cidade a el-rei. Entre outras decorações, tinha no friso os escudos das armas reaes de Portugal e de Italia, e sobre a cupula do arco a corôa real.

O corpo do commercio erigiu um grandioso arco contiguo á *porta do Souto*, ornado com columnas de ordem dorica, vasos, e variados relêvos, paineis allegoricos á industria commercial, e a estatua de Mercurio, symbolisando o commercio.

Os brasileiros, como chamam no Minho aos que vão ao Brasil adquirir fortuna, e regressam á patria para a desfructarem no seio de suas familias, construiram um magnifico pavilhão á entrada do *Largo dos Biscaynhos*, em frente do palacio do sr. conde de Bretiandos, onde se alojaram suas magestades. Era o pavilhão de fórma oitavada. Sustentavam a cupula oito columnas de ordem dorica, ficando quatro vãos abertos ao transito, e os outros quatro tapados com paineis transparentes, onde estavam pintadas no meio de tropheus as armas de Portugal, de Italia, do Brasil, e da cidade de Braga. Uma grande coroa real servia de remate á cupula, em torno da qual se erguiam sobre a cimalha oito escudos de armas, guarnecidos de bandeiras. Toda a cupula e coroa eram illuminadas a gaz, e as columnas com vidros de côres dispostos em grinaldas de rosas artificiaes, que cingiam as columnas em espiral desde a base até aos capiteis.



Arco da camara municipal

Os artistas fabricaram o seu arco ao pé da egreja da Misericordia. Era de ordem jonica, de esbeltas proporções, e decorado com bonitos relêvos e pyramides, com as armas reaes portuguezas e italianas, e com uma estatua allegorica.

Os arcos, como se vê nas copias que d'elles apresentâmos, eram precedidos de grandes pyramides e columnas, que á noite se illuminavam.



Arco do commercio

Além d'estes levantaram-se em Braga mais dois arcos, um dos *estudantes*, e outro dos *bachareis;* o primeiro de verdura no *campo da Vinha*, em frente do seminario archiepiscopal, e do quartel de infanteria 8; o segundo de architectura gothica, com pinturas e lavores, parte d'elles vasados, e adornado com as estatuas allegoricas da *Gloria* e das sciencias e artes, mettidas em nichos e cobertas por baldaquinos floreados. Este ultimo elevava-se á entrada da *rua da Fonte da Carcova*, do lado de léste.

Na fachada do paço do arcebispo, que deita para o *campo dos Toiros*, cuja parte do palacio é occupada pelo governo civil e repartições publicas, havia uma bella illuminação. Era esta feita com alguns milhares de vidros de diversas côres, pendentes de festões de murta, que ornavam as janellas, as quaes tambem eram decoradas com transparentes de bonitas pinturas, e com muita diversidade de bandeiras. O regimento de infanteria n. 8 tambem fez outra não menos rica em toda a grandiosa frontaria do seu quartel, outr'ora collegio de religiosos de Santo Agostinho, com a invocação de *Nossa Senhora do Populo.*

Resta-nos dar uma breve explicação da nossa gravura principal. Mostra o campo de Sant'Anna em quasi todo o seu comprimento, de oeste para léste. No lado do sul distingue-se a *egreja e convento de Nossa Senhora da Assumpção*, que pertenceram aos congregados de S. Filippe Nery, e onde se acha estabelecido presentemente o *lyceu.* Na extremidade de léste do dito campo, formando o fundo do quadro, avulta ao longe a graciosa montanha, toda vestida de frondoso arvoredo, em que está edificado o celebre sanctuario do Bom Jesus. O lado de oeste do campo é occupado com os restos do antigo castello de Braga, e com algumas edificações modernas, que se foram aninhar sobre os seus bastiões, ou entre as suas muralhas derrocadas, onde se levanta a *egreja de Nossa Senhora da Lapa.*

A pag. 49 encontrarão os nossos leitores uma noticia mais circunstanciada do campo de Sant'Anna, e a gravura que representa o seu lado de oeste.

I. de Vilhena Barbosa.

GABRIEL JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

(Conclusão. Vid. pag. 365)

IX

Terminada a sessão legislativa, Gabriel Rodrigues recolheu-se á cidade de S. Paulo. Preoccupava-o então uma grande idéa, inspirada pelo vivo interesse com que desejava applicar ao desenvolvimento da provincia natal, os estimulos que podiam activar a sua prosperidade. Meditava a fundação de um banco mixto de emissão e de credito agricola, por meio do qual esperava reanimar a lavoura e o commercio, desfallecidos com as ultimas convulsões civis. Os capitalistas convidados por elle, e confiados na sua experiencia, adheriam sem hesitação, e o projecto teria sido coroado dos beneficios promettidos, se o illustrado gabinete de Sousa Franco não fosse n'esse meio tempo

substituido por outro, que mais parecia empenhado em apagar até os vestigios das novas e salutares aspirações economicas, do que em assignalar a sua gerencia por via de uma iniciativa fecunda e generosa.



Pavilhão dos brasileiros

A morte de Raphael Tobias, tão chorada de todo o partido liberal, veiu complicar de maiores encargos a posição já de si trabalhosa de Gabriel Rodrigues. Na dor da orphandade pelo chefe venerado, todos se voltavam para elle, inculcando-o como o unico successor possivel das virtudes e da merecida popularidade do amigo. Coagido pela necessidade, obedeceu ao voto geral, e dedicou-se com o seu costumado fervor ao cumprimento das obrigações que acceitára. Não era pequena a responsabilidade, e para não mentir a tantas esperanças, foi-lhe preciso roubar ao socego as poucas horas, tão escassas, furtadas a custo ás lidas de uma vida laboriosa. Morava no largo da Sé, na cidade de S. Paulo, e erguia-se do leito com a aurora. Depois de um passeio curto a pé, ou a cavallo, abria o escriptorio ás sete horas da manhã, e cercado de uma verdadeira multidão de clientes e de parciaes, começava a despachar as partes que affluiam, respondendo ao mesmo passo ás interrogações, dirigidas de differentes lados. A sua hora de almoço era ás nove, porém repetidas vezes ouvia bater meio dia sem poder desembaraçar-se do tropel que o rodeava. Depois do almoço, além dos que vinham consultal-o, como advogado, começavam a concorrer os amigos, porque o seu escriptorio reunia a flor dos politicos de S. Paulo. As suas salas povoavam-se então de grupos. Aqui lia-se e commentava-se um jornal. Alli discutia-se a chuva, o bom tempo, e o preço dos generos. Mais adiante accendia-se uma controversia sobre um ponto de direito publico; no extremo opposto disputava-se ácerca de uma these de direito administrativo; e no meio do continuo tumultuar de vozes, perguntas e interjeições, Gabriel Rodrigues, escrevendo, ou dictando, era obrigado por vezes a distrahir-se para acudir a uma ou outra instancia de algum amigo mais indiscreto.


Arco dos artistas

Depois do jantar até á noite continuava a mesma scena; e nos domingos e dias sanctificados a fadiga não diminuia. Cercavam-no com tal impertinencia, que nem licito lhe era escapar-se por alguns minutos para ouvir missa, e que mesmo até enfermo o perseguiam, assaltando-o na cama com duvidas e questões! Similhante existencia, por mais robusta que fosse a compleição, não podia supportal-a sem as forças se lhe esvaírem. Accommettido por alguns achaques insidiosos, e cada dia mais queixoso, tomou por fim a resolução de sair da cidade encobertamente, para pedir ao ar livre do campo, ao repouso indispensavel do corpo, e á tranquillidade do espirito, as melhoras que as arduas e quotidianas fadigas do escriptorio lhe não consentiam lograr. Desappareceu, pois, de subito, e calou o logar para onde se retirava, receiando que os importunos ahi mesmo corressem a inquietal-o. Era já tarde infelizmente. A sua ausencia, conhecida no dia 11 de janeiro de 1858, e deplorada como uma desgraça publica pelos motivos a que foi attribuida, veiu mezes depois outra noticia mais triste confirmar a sua gravidade. No dia 23 de junho ás 5 horas da tarde, contando apenas quarenta e dois annos de idade, Gabriel José Rodrigues dos Santos, fulminado por um ataque apopletico, expirava na freguezia da Penha, aonde residia com a esperança de restabelecer a saude vacillante.

Esta noticia, que principiou a circular, desmentida a principio pela amizade, encheu logo depois de magoa e lucto a capital da provincia, quando a verdade veiu dizer a todos que a fama vaga não mentira.

As honras civicas, as lagrimas que a sincera amizade sabe derramar, e as pompas publicas devidas aos cidadãos illustres, honraram as suas cinzas. Um escolhido cortejo acompanhou o cadaver do grande orador da casa de campo da Penha, até á sua morada na cidade. A faculdade de direito suspendeu por tres dias os exercicios escholares. Ás cinco horas da tarde, pouco depois, principiou a sair o prestito, que, engrossado por quantos o conheciam e amavam, foi o maior que ha muitos annos vira a cidade de S. Paulo. O corpo academico, quasi todo, precedido de seus lentes, encaminhou-se ao largo da Sé, aonde, unido ao immenso concurso, que se estendia em alas pelas ruas do transito, formou um acompanhamento por tal modo numeroso, que as primeiras tochas já entra-

vam no templo quando o ataúde ainda não saíra a porta.

Estas derradeiras demonstrações de tristeza e de affecto deveu-as Rodrigues dos Santos á veneração das qualidades eminentes que ornavam o seu caracter. Os punhados de terra lançados por entre prantos sobre o sepulchro, a que descêra tão cedo, não significaram esquecimento, mas recordação. Morrêra d'elle o que podia morrer: o involucro, o pó que a terra empresta e torna a receber; mas o que em nós é grande, immortal, e sublime — o espirito, o sentimento, e a memoria — esses sobreviveram ao tumulo, e ficaram vivos com a saudade que o tempo esmorece, mas não consome.

A sua perda como homem politico e como cidadão, não será facilmente reparada. Todos os interesses nobres, todas as causas generosas, acharam sempre n'elle um defensor. Cultor assiduo das artes, mestre e conselheiro das vocações nascentes, exemplar nos costumes, modelo irreprehensivel de patriotismo e de probidade, cerrando os olhos não levou sobre a consciencia nem a leve nodoa de um remorso. Falleceu pobre, e é este o seu mais bello epitaphio. Só enriquecem na gerencia da causa publica os que baixam de mais os olhos para os limos que a miudo maculam a pureza das elevadas magistraturas. Desassombrado das invejas, que de ordinario só remordem as almas pequenas, e desafogado de orgulhos, ou de vaidades pueris, a ninguem fazia sombra e a todos abria caminho. Familiar com os ministros em varias epochas, e concedendo-lhes o seu apoio, nada acceitou d'elles nunca para si. A unica mercê que não engeitou, foi o grão de official da ordem imperial da Rosa, decretada por occasião da visita do sr. D. Pedro II a S. Paulo em 1846.

A sua physionomia, como orador, não era menos expressiva e insinuante. Possuia o raro condão de prender as attenções, de fazer silencio em volta de si, e de arrastar os auditorios commovidos atraz da seducção da palavra. A voz, harmoniosa e suave, tinha o segredo de penetrar até ao coração. Os affectos, ninguem sabia movel-os tão efficazmente, e com menos artificio na apparencia. Nenhuma ostentação nas inflexões, ou nos gestos. Nenhum esforço violento, ou theatral na declamação. A serenidade da verdadeira força animava, esclarecia, e dominava o discurso. A viva fé de arraigadas crenças resplandecia nas phrases ornadas e fluentes. A razão só, e nunca as paixões furiosas, fallava pela sua boca. O dom admiravel da clareza tornava faceis para todos os entendimentos até os pontos mais abstrusos e intricados. A sua eloquencia fugia das contorsões epilepticas da colera, e desviava-se com asco do veneno das allusões, ou do fel impuro das reconvenções pessoaes. A sua toga de orador, em tantos annos de tribuna, não teve de esconder a mais pequena mancha. Similhante na correcção castigada das fórmas ás obras immortaes do cinzel grego, sobre a alvura do marmore, nunca lhe caíu a menor sombra, nem a belleza severa e a magestade soberana da idéa foi rebaixada por um só desvio que accusasse da sua parte negligencia, odio, ou desprezo dos bons principios.

Este foi Gabriel José Rodrigues dos Santos. Quando a historia um dia inscrever o nome dos cidadãos illustres do Brasil, o do homem que acabâmos de memorar, por certo alcançará do seu juizo imparcial a formosa pagina que muitos cobiçam e que só poucos alcançam. É mais facil ganhar victorias, encher de fumo e ruido o theatro dos acontecimentos, deslumbrar os olhos e a curiosidade das multidões, do que immolar a existencia inteira á satisfação da consciencia, preferir ás honras a mediocridade honesta, e na hora da suprema despedida, na presença de Deus e da patria, não ter que legar aos seus senão a boa memoria de virtudes incorruptiveis, e de sacrificios desinteressados. A recompensa dos que sabem morrer assim, é a saudade dos que ficam e a gloria do futuro. Foi sempre mais nobre passar na terra como luz que esclarece, do que como facho que incendeia. Vale mais enxugar lagrimas do que verter sangue. Os conquistadores e os grandes revolucionarios, como os deuses de Homero, ainda que se façam homens, estão muito acima da humanidade.

REBELLO DA SILVA.

PALACIO DO REI DE SIÃO

(Conclusão. Vid. pag. 313)

Para completarmos a historia descriptiva do palacio do rei de Sião, cuja estampa démos a pag. 325, não podémos recorrer a melhor fonte, que ao *relatorio da missão extraordinaria de Portugal a Sião*, confiada ao sr. visconde da Praia-Grande de Macau, o qual devemos á obsequiosidade com que s. exc. nos tem ministrado muitas noticias do Oriente.

Depois de descrever o sequito com que o nosso embaixador se dirigiu a Bangkok, capital de Sião, a bordo do brigue *Mondego*, prosegue pelo modo seguinte:

«Pelo caminho até ás muralhas do palacio havia alas de tropas siamezas, formadas de differentes corpos, armados cada um de modo diverso: uns de espadas, outros de lanças, alabardas, arco e frechas, arcabuzes, e outras armas usadas em tempos antigos, e todos vestidos do modo mais extravagante. A porta que dá entrada para o recinto do palacio havia uma guarda de soldados com uniforme á européa, soffrivelmente arranjados, que apresentaram as armas quando s. exc. passava. Seguiam-se mais alas de tropas siamezas, e em cada uma das outras portas por que passou o cortejo uma guarda de soldados vestidos á européa; de espaço a espaço havia bandas de musica militar siameza, compostas de tambores, gongos e outros instrumentos, com que faziam muito estrondo. O cortejo parou em um mui espaçoso largo, onde se via um grande numero de edificios diversos, dos quaes uns eram os aposentos reaes, outros salas de recepção, pagodes, quarteis para as guardas del-rei, etc.; havia tambem differentes telheiros, fechados por grades de madeira, onde se achavam peças de artilheria, algumas de grandes dimensões: n'este largo se achavam formadas tropas com uniformes europeus, que apresentaram as armas quando s. exc. lhes passou pela frente: os soldados pareciam bem exercitados, e as vozes do commando eram dadas em inglez: o numero das tropas deveria exceder a dois mil homens. Viam-se tambem diversos elephantes armados para guerra, cobertos com xaireis de panno vermelho bordado de oiro, e ornados com outros enfeites: alguns mais estimados tinham nos dentes diversos anneis de oiro.

S. exc. foi conduzido por um dos grandes mandarins a uma sala de espera onde havia uma mesa, sobre a qual se achava uma salva de oiro com *bétel* e *areca*, e dois grandes vasos de prata com embutidos de oiro, obra de Sião, cheios de agua; em roda da mesa havia cadeiras para s. exc. e pessoas que o acompanhavam, e um pagem do rei fez servir chá e café.

Perto do logar destinado para s. exc. havia outra mesa, coberta com panno bordado de oiro, sobre a qual foi collocado o vaso que continha a carta, ficando os mandarins que a acompanhavam prostrados diante d'ella; os siamezes costumam fazer ás cartas dos reis as mesmas honras que á pessoa do soberano.

Depois de algum tempo, um mandarim veiu annunciar que sua magestade se achava no throno, e desejava receber a s. exc. O vaso de oiro em que se achava a carta foi novamente collocado sobre o andor em que tinha vindo, e o cortejo seguiu na mesma ordem por entre alas de musicos vestidos de tunicas de panno vermelho, que tocavam tambores, clarins e uma especie de bozinas que produziam um som rouco e prolongado. O cortejo parou perto de um edificio denominado *Maha Prasath* [1], de mui boa apparencia, e onde fica a sala destinada para as grandes recepções, para a qual se sóbe por uma escada de marmore. Alli se achavam collocados sobre diversas mesas, e expostos á vista dos circunstantes, os presentes que s. exc. tinha levado para sua magestade, e que tinham sido entregues de manhã. Depois de novas saudações dos mandarins siamezes, o vaso que continha a carta del-rei foi entregue a s. exc., que o tomou nas mãos, e, acompanhado dos officiaes que formavam o seu sequito, entrou na sala da audiencia. Esta sala é mui espaçosa e alta, e assimilha-se muito a um templo: duas fileiras de columnas de madeira lavrada com capiteis doirados sustentam o tecto, e deixam um caminho ao longo da sala; a um e outro lado d'este caminho grande numero de officiaes e nobres siamezes, talvez mais de quatrocentos, prostrados por terra, e seguindo-se uns aos outros pela ordem de suas graduações até ao pé do throno, formavam a corte del-rei de Sião. Sua magestade achava-se no throno, que é uma especie de janella aberta na parede do fundo da sala, elevada obra de duas varas acima do pavimento, aos lados da qual ha algumas columnas doiradas, que sustentam um docel lavrado e doirado, mui similhante aos que se vêem sobre os pulpitos de algumas das nossas egrejas em Lisboa; debaixo do throno ha um estrado, para o qual se sóbe por alguns degraus, e de cada lado uma das umbrellas de sete andares, que os siamezes chamam *satt*, e que são insignias da realeza; aos lados achavam-se varios pagens do rei com a espada de sua magestade e outras armas, e defronte do throno os principes de sangue real, e após estes os nobres de primeira classe, entre os quaes tinham o primeiro logar os ministros. Estes principes e nobres estavam prostrados sobre almofadas de veludo vermelho, e tinham junto a si as suas espadas, algumas mui ricas, e as salvas com as caixas para o *bétel* e *areca*, etc., que tambem são insignias da sua jerarchia. Todos estes objectos eram de oiro cravejados de pedras preciosas.

O vestuario dos cortezãos consistia em uma cabaia de seda de côr, ou de tecido de oiro e seda para os de maior graduação, e no panno com que os siamezes cobrem a parte inferior do corpo, especie de chaile de seda, que arranjam de modo que parece uma calça larga e curta, que apenas lhes chega acima do joelho; alguns d'estes pannos tem grande preço. Os principes e grandes estavam vestidos de um modo similhante, com a differença de serem os tecidos mais ricos, e de terem sobre a primeira cabaia uma tunica de renda branca bordada com palheta de oiro, que fazia mui bom effeito; a cabaia de dentro era apertada com um cinto de oiro guarnecido de pedraria, e abotoada com botões de pedras preciosas. Sua exc. o plenipotenciario, depois de ter feito tres venias a sua magestade, collocou o vaso que continha a carta sobre uma mesa coberta com um panno de veludo verde guarnecido de oiro, que para esse fim se achava defronte do throno, e depois de ter lido um discurso, em que expunha a sua magestade o objecto da sua missão, sentou-se em uma almofada de veludo verde, collocada entre os nobres de primeira ordem, atraz da qual se achava uma alcatifa para as pessoas do seu sequito.

Sua magestade exprimiu a sua satisfação pela chegada do embaixador del-rei de Portugal, informou-se da saude de sua magestade e da familia real, e, depois de varias perguntas a s. exc. sobre diversos objectos, fez signal para lhe ser entregue a carta del-rei. S. exc. tirou a caixa que continha a carta de dentro do vaso de oiro em que tinha sido conduzida, e, subindo os degraus do throno, a entregou a sua magestade, bem como o seu discurso. Sua magestade entregou a s. exc. um documento em que declarava ter recebido a carta de sua magestade fidelissima com todas as honras devidas, e na presença da sua corte e nobreza. S. exc. voltou a sentar-se no seu logar, e sua magestade leu um longo discurso em siamez, em que fazia a historia das relações dos portuguezes com Sião desde o seu principio, e exprimia a sua satisfação por vêl-as estabelecidas de um modo mais formal e permanente durante o seu reinado. Este discurso foi depois entregue a s. exc. por um dos principes. Depois da leitura, sua magestade retirou-se, tendo asseverado a s. exc. que seria tratado como os embaixadores das primeiras nações da Europa, e que ia nomear os plenipotenciarios siamezes para se começarem as negociações do tratado.

Logo que sua magestade se retirou, fechou-se uma cortina de damasco vermelho que ha adiante do throno; toda a corte saudou o soberano, pondo a cabeça em terra, e elevando por tres vezes as mãos juntas acima da cabeça. Os principes e nobres sentaram-se sobre as suas almofadas, e os outros mandarins começaram a sair da sala a seu bel-prazer. S. exc. e os officiaes que formavam o seu sequito foram comprimentar a sua alteza o principe Krom-Hluang e os ministros, e foram por estes apresentados a outros principes e nobres que se achavam presentes. O Praklang veiu, da parte de sua magestade, convidar a s. exc. e os officiaes portuguezes para um jantar que lhes estava preparado, e conduziu a s. exc. para uma sala do jardim onde se achava a mesa, posta á europêa, e se serviu um magnifico jantar. A alguma distancia da mesa havia outra mais pequena, sobre a qual se achavam algumas garrafas de cristal com vinho e licores, e uma salva com copos destinada para sua magestade, que appareceu quasi no fim do jantar, acompanhado de oito ou dez de seus filhos, de quatro a oito annos de edade, do principe Krom-Hluang e de alguns ministros. Sua magestade conversou por muito tempo com s. exc. sobre diversos assumptos, informou-se dos nomes e posição dos officiaes presentes, tratando a todos com affabilidade; offereceu vinho e licores pela sua propria mão, e deu o seu bilhete de visita a cada um dos officiaes. Terminado o jantar, s. exc. retirou-se, sendo acompanhado até ao logar do embarque pelo mesmo principe por quem tinha sido recebido».

Eis quanto se sabe do sumptuoso palacio dos reis de Sião; reservando-nos para n'outro artigo enumerarmos as vantagens que obtivemos pelo tratado de commercio negociado pelo sr. visconde da Praia-Grande, e dar a relação das principaes familias portuguezas que se acham estabelecidas na capital d'aquelle reino.

[1] É o que desenha a nossa estampa a pag. 325.

ESTUDOS

ÁCERCA DA VIDA E ESCRIPTOS DE HUMBOLDT

(EXTRACTO INÉDITO)

XV

A 25 de junho de 1799, pela noite, deixava Humboldt o porto de Santa Cruz e endireitava a *Pizarro* em sua derrota á America meridional. Com o vento fresco e de servir com que a fragata singrava no Oceano, iam rapidamente descendo no horisonte as montanhas das Canarias. Depois sómente o pico de

Tenerife projectava a espaços no firmamento a sua cumiada, que rompia a custo a espessura do nevoeiro. «Experimentámos, diz Humboldt, pela vez primeira, quanto é profunda a sensação que produz o aspecto das terras situdadas nas fronteiras da zona torrida, nas quaes a natureza se apresenta ao mesmo tempo tão deslumbrante, opulenta e maravilhosa. Havia sido de poucos dias a nossa demora em Tenerife, mas deixavamos a ilha tão saudosos como se a houveramos habitado largo tempo». [1]

Um magnifico espectaculo lhe deparou a bella constellação do *Cruzeiro*, a qual annuncia aos viajantes um novo ceo e um hemispherio novo. Começavam a ser cumpridos os votos que formára desde a infancia. Avisinhava-se para elle esta encantada região americana, pela qual havia sempre suspirado, como pelo thesouro das mais raras curiosidades da natureza. Que sentimentos o affectaram n'aquella solemne occasião, que enthusiasmos o exaltaram, podémos nós avaliar, considerando nas proprias palavras em que registou as suas inesperadas commoções. «Quando pela primeira vez se contemplam, diz Humboldt, as cartas geographicas e se lêem as descripções dos viajantes, experimenta-se por certas regiões e certos climas uma especie de predilecção, que na edade mais provecta não poderia explicar-se. Estas impressões, que na puericia recebemos, influem poderosamente sobre as nossas futuras resoluções, e inclinam-nos como por instincto a buscar as terras desconhecidas e remotas, que desde longos annos tem para nós um encanto mysterioso e indefinivel. Quando estudava o ceo, não para saber a astronomia, senão para conhecer as estrellas, senti um receio que fica sempre desconhecido aos que se deliciam com a vida sedentaria na propria terra em que nasceram. Era-me doloroso perder a esperança de ver um dia com os meus olhos as bellas constellações que estanceiam junto do pólo austral. Impaciente por visitar as regiões equatoriaes, mal podia eu, por noites serenas, pregar os olhos na abobada estrellada, sem pensar involuntariamente na *Cruz do Sul*, e sem que á memoria me occorresse o celebre trecho do poeta florentino, que os mais celebres commentadores tem applicado áquella constellação:

Io mi volsi à man destra e posi mente
All' altro polo e vidi quattro stelle
Non viste mai fuor ch'alla prima gente.
Goder parea lo ciel di lor fiamelle;
O settentrional vedovo sito
Poi che privato se' di mirar quelle.

Dante. *Purgatorio*. Cant. I. v. 22-27.

NOTA

Tem sido questão gravemente controvertida qual seja a verdadeira interpretação d'esta passagem da *Divina Comedia*, d'este poema singular, onde o engenho phantasioso de Dante Alighieri conglobou com toda a sciencia humana e theologica da meia edade, a critica dos successos do seu tempo, d'esta copiosa galeria, onde apparecem cinzelados com o buril sinistro de uma opulenta mas lugubre imaginação, os vultos celebres da antiguidade e da Europa christã na edade media.

Não se póde negar que o poeta florentino descreve as estrellas de que falla, como verdadeiras e naturaes apparições no firmamento. Começa o Dante o seu poema do *Purgatorio*, logo depois da costumada invocação, narrando como ao sair do *Inferno*, cujos circulos havia percorrido, o ceo se ia tingindo ao oriente de uma côr de saphyra, e como esta suave e matutina luz se lhe ia influindo aos olhos claridade e deleitação, de que estivera privado nas escuras regiões d'onde saía. O bello planeta, que inspira o amor, *ch' ad amar conforta*, a esplendida estrella da manhã, esta Venus brilhante, que saúda o primeiro alvor da madrugada, tornava, na phrase pittoresca do poeta, risonho o oriente, e com o seu vivissimo esplendor deixava invisiveis os *Peixes* (a constellação de *Piscis*), que lhe vinham servindo de escolta e guarda de honra.

Dolce color d'oriental zaffiro,
Che s'accoglieva nel sereno aspetto
Del aere puro infino al primo giro
Agli occhi miei ricominció diletto,
Tosto ched i' usci d'ell'aura morta,
Che m'avea contristati gli occhi e' l petto.
Lo bel pianeta, ch' ad amar conforta
Faceva tutto rider l'oriente
Velando i *Pesci*, ch' erano in sua scorta.

É depois d'esta descripção physica, se bem que poetisada, que o Dante nos diz, que volvendo os olhos para a direita fitára o outro polo e víra as quatro estrellas, que nunca mais foram vistas, depois que Adão e Eva as contemplaram do paraiso terreal.

Alludiria o Dante ás estrellas da *Cruz do Sul*? Estamparia apenas no hemispherio celeste meridional uma allegoria mystica, disfarçada nas apparencias astronomicas? Se quiz significar realmente a *Cruz do Sul*, adivinhou por ventura a constellação, sendo que elle escrevia muitos annos antes que os navegadores do seculo XV começassem a patentear á Europa os segredos do Novo Mundo? Erudito profundissimo, sabedor de quanta physica e cosmographia era conhecida no seu tempo, teria o Dante noticia da *Cruz do Sul* pelas tradições do oriente?

Escholiaste houve já, que attribuiu ao Dante n'este celebrado trecho uma especie de intuição prophetica. D'este sentir fôra já no primeiro quartel do seculo XVI o florentino Andrea Corsali, o primeiro que chama á constellação *croce maravigliosa;* outros attentando em quanto era familiar ao mysticismo christão do poeta florentino a allegoria moral e religiosa, affirmam serem as quatro estrellas que o Dante descobria do purgatorio á parte dextra, os symbolos das quatro virtudes cardeaes. Muitas passagens do *Purgatorio* esclarecem com evidencia esta opinião. Humboldt cita os trechos que devem cotejar-se com os versos; *I mi volsi à man destra e posi mente, etc.* (*Cosmos*. Tom. II, pag. 577. nota 9) e n'um escripto notavel, que já citámos, elucida com a sua habitual profundeza de criterio o sentido allegorico d'aquelles versos do poeta florentino (*Examen critique de l'histoire de la géographie du Nouveau Continent et des progrès de l'astronomie nautique aux* XV *et* XVI *siècles*. Tom. IV, pag. 324-332).

Supposta incontestavel a doutrina allegorica do Dante, é todavia indubitavel tambem que as *quatro estrellas* não são apenas uma invenção dantesca, senão a expressão de uma verdade astronomica, conhecida pelo poeta. Ao seu espirito incançavel no estudo não podia esconder-se inteiramente a tradição oriental. Já na edade média as relações das cidades mercantis italianas com as terras do levante se haviam tornado frequentes e fecundas para a communicação da sciencia oriental. O Dante descreve as quatro estrellas, de que muitos seculos antes das modernas navegações havia noticia cá na Europa; mas não lhes dá o nome, que mais tarde lhes attribuiu a piedade christã, e que se acha nos escriptos de Corsali e de Antonio Pigaffeta, companheiro do nosso illustre portuguez Fernão de Magalhães. (Veja sobre o conhecimento das quatro estrellas da *Cruz do Sul* na antiguidade, e sobre a sua primitiva encorporação no grupo do *Centauro*, a erudita exposição de Humboldt. *Cosmos*. Tom. II, pag. 351-352, e sobre a apparição das estrellas austraes nas latitudes do norte, a mesma obra e tomo nas pag. 352 e 578 nota 10).

[1] *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*. T. II, pag. 2.